

*Fome*  
ELISE BLACKWELL

Tradução de  
SAFAA DIB



TÍTULO : *Fome*  
TÍTULO ORIGINAL : *Hunger*  
AUTOR : Elise Blackwell

© 2003 Elise Blackwell  
Esta edição © 2010 Livros de Areia Editores, Lda.

TRADUÇÃO : Safaa Dib

REVISÃO DE TEXTO : António Marques  
DESIGN : Pedro Marques / Livros de Areia  
IMPRESSÃO : Publidisa

Texto composto em Fournier (Monotype), 12/15 pts.

ISBN: 978-989-8118-10-3  
DEPÓSITO LEGAL :  
1.ª edição : Maio de 2010

RESERVADOS TODOS OS DIREITOS. ESTA EDIÇÃO NÃO PODE SER REPRODUZIDA,  
NEM TRANSMITIDA, NO TODO OU EM PARTE, POR QUALQUER PROCESSO ELECTRÓNICO,  
MECÂNICO, GRAVAÇÃO OU OUTROS, SEM PRÉVIA AUTORIZAÇÃO ESCRITA DA EDITORA.



---

[livrosdeareia@livrosdeareia.com](mailto:livrosdeareia@livrosdeareia.com)

---

[www.livrosdeareia.com](http://www.livrosdeareia.com)

---

[livrosdeareiaeditores.blogspot.com](http://livrosdeareiaeditores.blogspot.com)

---

*Para o David e a Esmé*

Qualquer apreciação que pudesse estender a David Bajo  
ou a Esmé Claire Bajo seria absurdamente insuficiente.  
Dedico este livro a ambos.



*O célebre biólogo Nikolai Vavilov reuniu centenas de milhares de sementes e espécies de plantas do mundo inteiro, albergando-os no Instituto de Pesquisa da Indústria de Plantas em Leninegrado. Vavilov tornou-se uma vítima da campanha antigénética levada a cabo por Trofim Lysenko, que gradualmente tomou controlo da agricultura soviética no tempo de Estaline. Vavilov morreu na prisão em 1942 ou 1943 de uma combinação de maus tratos e fome. Muitos dos seus associados e funcionários foram presos, exilados, enviados para campos de trabalho correctivo, ou dispensados. Durante o cerco de Leninegrado, aqueles que permaneceram protegeram as colecções de Vavilov dos ratos, de intrusos humanos e deles próprios. O que se segue é um relato ficcional desse tempo e lugar. As personagens são invenções e não são de forma alguma baseadas nas pessoas corajosas que trabalharam naquilo que é actualmente denominado o Instituto Vavilov.*

*“Estávamos cientes de que a terra visível é feita de cinzas, e que as cinzas significam alguma coisa. Através das profundezas obscuras da história conseguíamos discernir os fantasmas de grandes navios carregados de riquezas e intelecto; não podíamos contá-los. Mas os desastres que os afundaram não eram, afinal, da nossa conta.*

*Elam, Nineveh, Babilónia não passavam de bonitos nomes vagos, e a ruína total desses mundos tinha tão pouca importância para nós como a sua própria existência. Mas França, Inglaterra, Rússia... estes também seriam nomes bonitos. E agora vemos que o abismo da história é fundo o suficiente para nos devorar a todos.”*

PAUL VALÉRY

*Terá notado o seu arbusto que se eleva no ar,  
Cómico e delicado, por vezes com flores de segunda categoria.  
Pouco gracioso e esbranquiçado, e bonito apenas perante a fome.*

RICHARD WILBUR

(do poema *Batata*)

NÃO É TÃO INVULGAR para aqueles próximos do fim das suas vidas correrem a mão das suas mentes sobre os contornos dessas vidas. Talvez isso seja tudo o que faço aqui no momento em que, através dos espaços populados de tempo, geografia e linguagem, alcanço do meu apartamento confortável em Nova Iorque uma cidade outrora e de novo chamada São Petersburgo.



O aniversário do nosso casamento calhou na última das noites brancas do Verão antecipado, e ainda podia acreditar que tudo estaria bem. Jantámos num restaurante que tinha sido bem melhor uns anos antes mas que ainda era muito bom. A nossa janela dava para o Neva. A Fortaleza de Pedro e Paulo erguia-se do centro do rio. O seu bastião pendia ligeiramente sobre a água, dando uma aparência mais precária do que fortificada, apontando obliquamente para um céu mais luminoso do que a luz, um céu da mesma cor branco-creme do fruto doce da anona.

A voz de Alena flutuava mais leve no ar do que há um ano, e comemos bem, chupando o sal ligeiro das patas

de caranguejos gigantes, a enfiar colheres de caviar directamente nas nossas bocas e a escorrê-las pelas nossas gargantas com um vinho branco que era demasiado doce, mas ainda assim bom.

Escondi a conta de Alena. Ela acreditava que a perda do seu salário e a aproximação dos jovens soldados da Alemanha de Hitler significava que devíamos gastar menos o nosso dinheiro. Tal como o cheiro da chuva antes que as gotas atinjam a pele, a guerra iminente dizia-me para gastar, para ter tudo o que pudesse agora, antes que não fosse mais possível. Seria mais tarde que eu aprenderia a amealhar migalhas como um avaro.

Desejava ir directo para casa e fazer amor com a única mulher a que me permitia, com a única que realmente desejava. Mas Alena ouvira na rádio a poetisa Vera Inber, cujo relato dos longos dias e noites que estavam para vir lhe traria fama e boas graças, e desejava assistir a uma leitura que iria dar.

Caminhámos ao longo da Avenida Nevsky, que se alargara com as multidões no exterior a aproveitar a última noite do ano em que o Sol iria descer à linha do horizonte, e aí permanecer. Puxei Alena para junto de mim, pelo braço, e depois aproximei-a mais, pondo o meu braço à volta da sua cintura.

Todos os objectos fabricados em Leninegrado, desde os ornamentos antiquados no topo dos portões de um monumento até aos novos postes eléctricos, apontavam para cima, elegantes e fúteis.

O pequeno salão onde decorria a leitura estava cheio e muito quente e repleto de fumo, o que é algo a que viria a

achar frequentemente de interesse na minha memória, mas que me desagradou na altura.

Lembro-me pouco das palavras de Vera Inber. Mas as palavras do poeta sem fama que a precedeu permaneceram comigo durante muito tempo. Alto e robusto, tinha sido um marinheiro antes de pegar numa caneta. À primeira vista, aparentava boa saúde, mas o cinzento que envolvia a sua face e o amarelo nos olhos profundos revelavam alguma doença dos órgãos internos.

Leu vários poemas, nenhum deles do meu particular agrado, numa voz forte que era decididamente mais naval do que poética. O último é aquele de que me lembro. Chamava-se “O Náufrago Sobrevivente”. Evoco-o agora para começar a minha própria história.

Nunca vi o poema em papel, por isso não sei como o marinheiro-tornado-poeta quebrava os seus versos. Mas lembro-me de cada palavra tal como proferida:

“Aqueles que se afogam nunca mudam os factos, mas aqueles que sobrevivem ao mar nos pulmões devem enviar as suas histórias em palavras, palavras como pequenos barcos de casco furado, através da distância, do frio, e das correntes dessa água.”



Os voluntários de *opolchenia*, incluindo a minha Alena mas não eu próprio, debandavam como ratos. Apareceram abrigos, e trincheiras. Mulheres jovens perfuravam as peles enrolando arame farpado em torno de obstáculos que im-

pediam os tanques de penetrar na cidade. Todos esperámos pelo ataque e preparámo-nos para defender a nossa cidade: quarteirão a quarteirão, edifício a edifício, mão a mão.

Mas os tanques nunca entraram. Pararam nos limites da cidade, e quão mais simples tudo teria sido se tivessem continuado.



Em inícios de Setembro, as primeiras bombas de Hitler desceram – graciosas, e diria até hesitantes, vindas do alto. Os aviões Junker subiam e desciam, subiam e desciam, deixando para trás depósitos de bombas incendiárias tão semelhantes a silte letal.

Quando atingiram os armazéns Badayev, as filas estreitas de edifícios de madeira arderam rápido, e as gorduras armazenadas nas suas provisões emitiam um calor vermelho, tornando o céu incandescente e enchendo o ar como cozinha de Verão.

Aquilo que não ardeu foram uns poucos milhares de toneladas de açúcar, que acabaram por se derreter através das tábuas de madeira do chão para sobreviver, moldados e marcados pelas caves, como caramelo. Este caramelo era partido em pedaços valiosos e vendido por dinheiro e sexo nos meses que se seguiram.

Mas muito mais iria circular e ser pago como comida.



Entre milhares de espécies albergadas no instituto, encontravam-se vários milhares de trufas. Pequenas e largas. Suaves e verrugosas. Brancas, castanhas, amarelas, de cor púrpura, e azuis. Lídia, a minha amante ocasional e de longa data, tinha ajudado na colheita das batatas azuis numa expedição ao Equador e Peru. Eu tinha, contra os meus desejos, permanecido em Leninegrado com Alena.

Lídia tinha colhido mais do que o instituto necessitava, e quando ela regressou, passámos uma tarde no seu apartamento, a descascar, cortar, fritar e a dar de comer as batatas azuis um ao outro, a lamber o sal e óleo dos dedos um do outro e do canto das bocas um do outro.

Entre as suas inúmeras grandes qualidades, para além da cor sublime e sabor terroso profundo, essa espécie particular peruana de batata azul é resistente à praga da batata que matou à fome um milhão de homens, mulheres e crianças irlandesas.



O aquecimento acabou em finais de Setembro, e todos os canos de Leninegrado congelaram. Até à chegada da neve, tínhamos apenas para lavagem a água lamacenta do Neva, transportada à mão em baldes.